A emergência de uma metrópole no universo das exposições itinerantes: o caso de Fortaleza.

José Borzacchiello da Silva*

Fortaleza e a condição metropolitana

O artigo discute a relação entre a metrópole e a arte considerando a dimensão urbana e a possibilidade de ampliação da rede de equipamentos e de serviços especializados, atendendo, inclusive, demandas para a instalação de exposições itinerantes. Analisa o caso específico de Fortaleza cidade que alcançou a condição de metrópole precocemente, e que se inseriu na rede mundial de importantes centros urbanos contidos no roteiro das exposições itinerantes. A cidade se destacou ao despontar como a 6ª Região Metropolitana mais populosa do Brasil, com 4.074.730 milhões de habitantes, conforme estimativas de população para 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018).[1]

* PPG Geografia da Universidade Federal do Ceará e PUC - Rio de Janeiro.

[1] Contando com 19 municípios, A Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) está incluída entre as maiores regiões metropolitanas do País, instituídas por Lei Federal nos anos de 1973 e 1974. É também é a que apresentou a maior taxa de crescimento entre os anos 2000 e 2010, passando de 3.056.769 para 3.610.379 habitantes, o que representa uma variação de 1,68%, ou seja, maior que São Paulo (0,96%), Rio de Janeiro (0,67%) e Salvador (1,37%). Considerando apenas a cidade, Fortaleza é a segunda maior em crescimento demográfico, vindo atrás somente de Salvador. A capital cearense conta atualmente com 2.643.247 milhões de habitantes. Quando da institucionalização da região metropolitana de Fortaleza apenas cinco municípios foram selecionados, considerados aptos à inclusão: Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz, e naquela ocasião a massa populacional era de aproximadamente 1 milhão de habitantes. Dos cinco municípios da fase de criação do espaço metropolitano, Fortaleza forma atualmente uma um conjunto de 19 municípios. O de Maracanaú foi desmembrado do município de Maranguape passou a integrar a RMF a partir de 1983. Em 1987 foi adicionado mais um município, o de Eusébio. Em 1992 é o ano de integração de Itaitinga e Guaiúba e a partir de 1999, quatro municípios de agregam à condição metropolitana e são eles: Chorozinho, Pacajus, Horizonte e São Gonçalo do Amarante. Em 2009 a RMF recebe mais dois municípios. Pindoretama e Cascavel. O quadro se completa com a inclusão de Paracuru, Paraipaba, Trairi e São Luís do Curu, em 2014.

No Brasil os museus adquiriram o significado de espaço de preservação da memória, na maioria das vezes com forte apelo épico e de exaltação dos valores nacionais. Objetos, mapas, ferramentas, utensílios e outros instrumentos estão presentes na maioria dos museus do país. São poucos os inseridos numa linguagem mais contemporânea e universal, com capacidade de se organizar ou participar de redes globais de museus e desfrutar das possibilidades de trocas e intercâmbios. Nesta direção surgem as metrópoles e cidades de maior porte por serem elas lugares mais equipados capazes de atender às demandas especializadas devido à complexidade que envolve as atividades necessárias para garantir condições adequadas para que as exposições se instalem. Essa modalidade de exposição apresenta-se cada vez mais sofisticada exigindo equipes preparadas e material de qualidade para suas instalações.

A consolidação de uma cidade à condição metropolitana confere a ela uma expressão singular quanto à capacidade de tornar-se matricial e polarizar as demais à sua volta com controle territorial. O conceito de metrópole advém da cidade grega e é concebido como espaço dinâmico e contraditório. No caso de Fortaleza, o crescimento demográfico e as conquistas da área econômica não foram socialmente distribuídos. A cidade cresceu com a transformação da magnitude de seus quarteirões e avenidas, enquanto outros setores densamente povoados contrastam com outros, aprazíveis, independente de seu potencial paisagístico. A cidade em expansão valorizou seus espaços públicos. Os equipamentos culturais, dentre eles os museus encontraram na metrópole as condições necessárias para se instalarem e atingirem seus objetivos enquanto instituições voltadas à satisfação de necessidades sociais pautadas nos vínculos identitários de determinados grupos, no plano da estética, da política, entre outras.

No contexto do processo de produção do espaço, são muitas as cidades próximas umas da outras, que buscam oportunidades e vantagens capazes de lhes garantir a condição metropolitana. Várias podem alcançar tamanho demográfico expressivo e atuarem entre elas através de relações de complementaridade. A proximidade gera uma competição e, na maioria das vezes, apenas uma inicia o processo de metropolização na função de comando, e de controle.

Os museus e as exposições itinerantes no Brasil

A pesquisa que fundamenta o texto deu especial atenção aos museus considerando o significado e abrangência desses equipamentos. Os museus emergem na composição da paisagem seja ela rural ou urbana da necessidade de as sociedades rememorarem suas temporalidades nas mudanças dos objetos constituintes da materialidade do espaço, incluindo as diferentes formas de produzir territórios no contexto das relações com os utensílios, mudanças nos modos de conceber, pensar, viver e projetar condições objetivas e as subjetividades humanas.

O ambiente urbano é mais propício à instalação de museus considerando a dimensão da concentração demográfica constituída por diferentes grupos de interesse e consequente valorização dos museus como equipamentos significativos de resgate parcial da história da humanidade em várias situações e contextos. Os museus são depositários das conquistas sociais e tecnológicas das diferentes sociedades na travessia do tempo.[2]São concebidos consoantes a ideologia dominante no quadro de conjuntura das sociedades em que se inscrevem. Além de ser um relicário de lembranças, sua função principal no Brasil, de acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, e confirmam que *"Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento."*[3]

No tocante a importância do ambiente urbano para a consolidação de uma política de criação de museus e mesmo para atender a diferentes demandas de grupos sociais específicos, a metrópole se destaca e adquire enorme visibilidade por sua dimensão, por sua inserção numa rede de cidade que se interconectam e retroage na troca de capital, de dados e informações, de mercadorias, especialmente, a mobilidade de pessoas de diferentes localidades. A

[2] Portal "Museus.br você encontrará Museus de Arte, de História, de Ciências, de Antropologia, Museus Comunitários, Museus das mais variadas temáticas e outros que você sequer imagina." In: http://museus.cultura.gov.br/, visita em 12.12,2018

[3] http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/ visita em 12.12,2018

metrópole é a expressão máxima da cidade quanto à sua condição de permitir a construção de vínculos identitários e relações de pertencimento entre todos os seus habitantes independente de suas naturalidades. Essa expressão ganha significado maior com de acordo com Harvey(1992,p.313), quando afirma que *"[...]o desenvolvimento de uma produção e de um marketing culturais numa escala global também foi um agente primordial de compressão do tempo-espaço, em parte porque projetou um muséeimaginaire, um clube de jazz ou uma sala de concerto na sala de estar de todos[...]"*

Ultrapassando sua condição de centro multifuncional com ofertas diferenciadas de serviços de toda ordem, a metrópole quando incluída numa política de marketing cultural se configura quando a cidade alcança autonomia no processo de produção do espaço e organiza à sua volta diferentes territórios e múltiplas atividades capazes de atender às demandas da população metropolitana.

A propósito das exposições itinerantes, cabe lembrar que a metrópole contemporânea incorpora papeis sob lógicas e óticas variadas sendo que as econômicas estabelecem práticas espaciais em várias escalas, inclusive as globalizadas, de grande alcance e abrangência. No Brasil a reestruturação produtiva (SOJA, 1993)[4] e o avanço técnico científico ampliaram a fluidez de capital, favorecendo a formação de conglomerados empresariais, concentração financeira, intensificando as redes e refinamento do potencial metropolitano com oferta de múltiplos produtos e serviços.

Os equipamentos culturais de Fortaleza

A presença metropolitana se sobressai e é muito forte quando o assunto remete à capacidade desses equipamentos culturais em atrair e acolher exposições itinerantes de grande porte e de artistas reconhecidos.

[4] A propósito do conceito de reestruturação, SOJA,] (1993. p.193).diz que "reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite a noção de uma "freada", senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca, pois, uma combinação sequencial de desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição, proveniente de algumas deficiências ou perturbações nos sistemas de pensamento e ação aceitos.

A antiga ordem está suficientemente esgarçada para impedir os remendos adaptativos convencionais e exigir, em vez deles, uma expressiva mudança estrutural. Estendendo a terminologia de Giddens, pode-se descrever essa freada-e-mudança como uma reestruturação temporal-espacial das práticas sociais, do mundano para o *mondiale*."

No Brasil são poucas as cidades que alcançaram forma e condição de metrópoles e conseguem atrair exposições de grande expressão artística. Mesmo no tocante às metrópoles, eram as do Sudeste, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, as inseridas numa rede de alcance nacional e internacional e habilitadas a organizar um variado calendário de exposições anuais com forte capacidade de provocar à atenção do público, de formar opinião e de atrair o interesse da mídia, notadamente, a especializada.

Nestes tempos de reestruturação produtiva nos moldes do processo amplo e irrestrito de globalização, a reprodução do capital ocorre de forma intensamente espacializada, saindo das mega metrópoles reconhecidas como cidades mundiais para as metrópoles subsidiárias, muitas delas incompletas, típicas dos países de economia mais frágil. Na mesma escala, ocorre uma forte reiteração das metrópoles como local da concepção dos projetos e das decisões macroeconômicas. Os desdobramentos mostram as dificuldades para os países dependentes inserirem suas maiores cidades na trama da rede das grandes exposições itinerantes. Os problemas se aguçam ocupando destacado papel na sociedade brasileira, no que tange ao patrimônio cultural ou construído. Assiste-se a voracidade do capital exercendo uma ação destruidora, especialmente na produção da indústria cultural com linhas maciças de produtos culturais de consumo rápido e imediato o que se contrapõem às políticas públicas voltadas a disseminação de cultura pautada em valores universais através de equipamentos e serviços a partir de ofertas que atendam às diferentes demandas. Produtos difundidos por emissoras de televisão e difusoras de rádio se contrapõem, na maioria das vezes aos objetivos de formação cidadã com base em valores universais da cultura humana.

> *A cultura que, de acordo com seu próprio sentido, não somente obedecia aos homens, mas também sempre protestava contra a condição esclerosada na qual eles viviam, e nisso lhes fazia honra; essa cultura, por sua assimilação total aos homens, torna-se integrada a essa condição esclerosada; assim, ela avilta os homens ainda uma vez. (ADORNO, 1986, p. 93)*

Isso não confirma que toda produção pautada noutros valores não seja portadora de qualidade. Um dos maiores entraves para um forte contraponto emerge no tocante à localização de infraestrutura e de

equipamentos tidos como suportes das políticas culturais no contexto das cidades especialmente aquelas metropolizadas. Além dos museus as salas especializadas com espaço para acomodar peças teatrais, orquestras, bandas, feiras, exposições, congressos, conferências, palestras, grupos de discussão, dentre outras.

A cidade contemporânea guarda vestígios de tempos pretéritos e seu centro histórico ou de negócios e a expressão maior de um período em que todas as atividades de porte se localizavam nas áreas centrais. De um modo geral ocorre também uma concentração desses equipamentos nas áreas centrais das cidades e nos bairros mais equipados com infraestrutura urbana, ocupados, em sua maioria, por segmentos sociais com maiores rendimentos e razoável padrão de moradia, onde os elementos paisagem como vista, sossego, tranquilidade se destacam. Nem todos podem desfrutar desses privilégios. São os que vivem na cidade possível, onde satisfazem, mesmo que de forma incompleta, as necessidades materiais, sem contar com serviços culturais mais integrados ao discurso universal, inclusive de museus gerais ou temáticos ou outros equipamentos culturais de maior porte. Com a fragmentação da cidade Segundo Maia (2010, 1-15, p. 4)

> *A produção da periferia urbana, fragmentada, a princípio podemos dizer em duas áreas, uma periferia construída com condomínios residenciais para a população de alta renda, que normalmente não é conhecida ou denominada de periferia, mas sim pelo nome do bairro que passa a constituir e uma outra periferia produzida para a população trabalhadora, com habitações precárias e insuficiência dos equipamentos urbanos.*

A fragmentação dispersa e rompe com a clássica divisão da cidade pautada na dicotomia centro e periferia. Com o advento dos centros planejados de compras e dos condomínios fechados e loteamentos murados o conceito de periferia foi revisitado, pois não se caracteriza mais como territórios marcados pela precariedade e ocupados por segmentos de classe com baixos ou parcos rendimentos. A fragmentação da metrópole alterou a lógica dominante dos diferentes sistemas de mobilidade urbana dominantes. A abertura de novas vias de acesso, a delimitação de eixos ou faixas exclusivas de transporte e a melhoria da malha viária ampliou o uso do automóvel sem modificar de forma quantitativa e qualitativa

os transportes coletivos. Pesquisa realizada pelo O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA[5] sobre a mobilidade urbana nas cidades brasileiras constatou a luta cotidiana da população dos grandes centros para atender às suas necessidades de deslocamento. O estudo chega à conclusão que a franja metropolitana, em termos demográficos, cresce mais que o município do núcleo. Mostra que com esse crescimento, aumenta também as agruras da população trabalhadora para dar conta de seus deslocamentos cotidianos, posto que os empregos continuem concentrados na cidade matricial, provocando o aumento do fluxo casa/trabalho/casa, dentre outros.

Nos últimos anos, Fortaleza ampliou sua área metropolitana. A Região metropolitana de Fortaleza acusou acelerado processo de crescimento demográfico que não foi acompanhado pela adequação e ajuste das necessidades dos transportes coletivos. Os terminais integrados restringem-se à capital o que precariza mais ainda a situação dos bairros e municípios mais afastados, onerando os preços dos serviços de transporte, ao mesmo tempo em que cria espaço para a prestação de serviços ilegais, caros e irregulares.

A mobilidade possível restringe-se praticamente às demandas do trabalho. A mobilidade urbana em Fortaleza é lenta e difícil todos os dias e pior, nos finais de semana, quando as famílias teriam mais condições de planejar e organizar suas visitas aos museus e demais equipamentos culturais.

A cidade e mesmo a cultura de massa estão submetidas às regras do mercado. Seus operadores atuam em rede e seguem a lógica de fragmentar a cidade oferecendo seus "pedaços" a preços altíssimos. A cidade vivida tem sido aquela que chega aos lares por meio eletrônico ou digital. O acesso à cidade sob essas condições é reduzido à sua condição mercadoria. O medo, o pânico, o ruído aguçam a competição e esvaziam os espaços públicos da cidade. A maioria dos equipamentos culturais, especialmente os museus localizados nas áreas centrais das cidades poderiam ser frequentados nos finais de semana. As cidades se modificam e conforme (MOURA, 2009, p. 38, 39):

[5] O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (**Ipea**) divulgou nessa quarta-feira, dia 25, às 10h, o Comunicado do Ipea nº 94 . ***A mobilidade urbana no Brasil***. In: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8588, visita em 15.12.2-18.

> *No âmbito das transformações recentes das aglomerações urbanas, constata-se que estão sofrendo alterações em sua natureza e tendo ampliada a complexidade de suas dinâmicas. De modo geral, o desenho de expansão centro-periferia cede lugar a processos mais complexos e a formas mais diversificadas, sempre associados ao modo de produção e acumulação do capital, que nos últimos decênios do século XX promoveu mudanças de valores, acentuou heterogeneidades e diferenças.*

Os dinâmicos centros das cidades brasileiras mostram-se esvaziados nos finais de semana ao contrário do que acontece nos dias úteis. São poucos os residentes que permanecem com suas moradias nas áreas centrais, aqueles que garantem o fluxo constante de pessoas e mercadorias e a animação do comércio. Em decorrência da forte concentração comercial e de serviços e a acentuada redução do número de residentes, a funcionalidade dos centros da cidade se altera substancialmente. Os finais de semana adquirem sentido temporal significativo devido ao aumento pela procura dos equipamentos e serviços culturais. Entretanto, esse mesmo esvaziamento dá lugar ao terror e ao medo, o que afasta o público interessado em visitar centros culturais, museus, assistir peças teatrais ou participar de outras atividades. Poucos locais no centro de Fortaleza mantêm-se animados nos finais de semana. Findo um espetáculo num teatro ou a saída de museus as ruas esvaziadas geram um sentimento de insegurança. Reforça essa situação os bares, restaurantes e lanchonetes que permanecem fechados em sua maioria, particularmente aos domingos.

São poucas as atividades culturais votadas aos bairros mais afastados e menos equipados. Fortaleza conta com três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCAS,[6] que atendem parcialmente demandas juvenis.

---

[6] A Rede Cuca é uma rede de proteção social e oportunidades formada por três Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cucas), mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. Geridos pelo Instituto Cuca, os Cucas Barra, Mondubim e Jangurussu atendem, prioritariamente, jovens de 15 a 29 anos, oferecendo cursos, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos. Além disso, a Rede Cuca também visa trazer para a periferia de Fortaleza possibilidades e alternativas de fruição cultural por meio da realização de eventos estratégicos, festivais, mostras, exposições e programação permanente de shows, espetáculos e cinema. In: https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca Visitado em: 12.12.2018

Os grandes museus por sua vez, possuem metodologia de trabalho para atrair esses moradores apartados de uma vida urbana mais completa. Essa população segregada da cidade ocupa áreas antes restritas a setores da elite. O aviltamento de seu preço da terra urbana permite que amplos setores urbanizados se submetam a novos tipos de uso. A cidade vai, mesmo que às avessas, cumprindo sua função social. A espera de ações de reordenamento urbano contemplando políticas culturais são aguardadas com certa impaciência o que faz com que os movimentos sociais se tornem mais radicais em suas cobranças. As necessidades materiais são tantas, o que impede que as de cunho cultural e educativos ganhem visibilidade. Ficam sempre em segundo plano. São poucas as lideranças construídas pelo discurso da cultura.

No gigantismo da metrópole resíduos da cidade original podem ser observados em áreas distantes dos subúrbios. De um modo geral a população de Fortaleza está se recolhendo mais cedo deixando desertas as ruas da cidade. A violência ergue muros, estabelece limites, cria situações e impede que muitos dos moradores das áreas periféricas se estimulem a frequentar equipamentos culturais, especialmente, os museus. Essa conjuntura do medo transformou os shopping centers em refúgio para os cidadãos. Esses equipamentos gigantescos, especialmente os construídos mais recentemente e os que passaram por ampliação inseriram a cultura na lógica do mercado. Teatros, grandes espaços para exposições, espetáculos e shows nas áreas de estacionamentos atraem um público razoável, bem diferente dos equipamentos localizados na área central da cidade e nos grandes eixos de circulação.

É nesse contexto que emerge Fortaleza que se insere no rol das metrópoles expressivas no mundo das artes. Seu equipamento cultural mais recente é o Museu da Fotografia de Fortaleza, inaugurado em 11 de março de 2017. Possui um acervo de duas mil obras da coleção de seu idealizador o empresário cearense Silvio Frota. Instalado em edifício apropriado para esse tipo de museu, Martins (2018, p. 1) descreve parcialmente suas instalações:

> *A primeira exposição mostra 440 obras de grandes nomes da fotografia, como Henri Cartier-Bresson, Steve McCurry e Cindy Sherman narrando histórias das guerras mundiais, da Grande Depressão, da ditadura militar*

> *brasileira, dos conflitos que arruinaram a Síria e dos protestos de 2013, entre outras. As obras estão dispostas por temas: Um imaginário de cidades, Sobre crianças, Jogo de olhares: aspectos da fotografia moderna e contemporânea e O Norte e o Nordeste, dedicado a fotógrafos locais.*[7]

Um dos ícones do novo museu é a fotografia "Menina afegã" registrada por McCurry. Sharbart foi capa da revista National Geographic em 1985, com apenas 25 originais espalhados pelo mundo.

Quanto aos equipamentos culturais Fortaleza aparentemente é bem aquinhoada. Entretanto, nem todos se encontram em bom estado de conservação e com funcionamento regular. O centro de Fortaleza se destaca com maior número de estabelecimentos.[8] Dentre eles: Arquivo Intermediário, Arquivo Público do Estado do Ceará, Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel, Centro Cultural Banco do Nordeste**,** Centro Cultural do Correios, Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), Casa de Cultura Cristiano Câmara**,** Museu de Arte e Cultura Populares, Museu de Tecnologia de Combate à Seca, Museu de Minerais Dr. Odorico Rodrigues de Albuquerque, Museu do Maracatu Cearense, Museu do Ceará, Anfiteatro e Teatro do Centro Dragão do Mar, Teatro São José, Teatro SESC Emiliano Queiroz, Theatro José de Alencar.

Todos são importantes para a cultura cearense. Entretanto, nesse conjunto o Museu do Ceará e o Theatro José de Alencar se inscrevem como os mais conhecidos e requisitados para visita e espetáculos na cidade. Apesar de toda a listagem de equipamentos culturais da cidade, no tocante às exposições temporárias, dois estabelecimentos se inscrevem entre os mais reconhecidos – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

---

7 MARTINS, Simone, Museu da Fotografia em Fortaleza, Fortaleza, Março de 2017 In: https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/museu-da-fotografia-fortaleza/. Acesso: em 12.12.2018.

8 Segundo o Anuàrio do Ceará 2012/2013 Fortaleza contava com 63 equipamentos culturais cadastrados pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. São dois arquivos, quatro bibliotecas, 12 centros culturais, 27 museus e 18 teatros. Os bairros Centro, Aldeota, Praia de Iracema e Benfica são os que apresentam a maior concentração destes espaços na cidade. Destacam-se, por exemplo, o Theatro José de Alencar, o Museu do Ceará, o Museu Casa José de Alencar, o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, a Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel e a Casa Amarela Eusélio Oliveira.

In: http://www.anuariodefortaleza.com.br/cultura/equipamentos-culturais.php. Acesso em 12.12.2018.

(MAUC)[9] e o Espaço Cultural da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). O MAUC da UFC possui um rico acervo e se inscreve como espaço de referência para a cultura e as artes cearenses. O Espaço da UNIFOR assumiu expressão por ter se convertido no portão de entrada e espaço de acolhimento das grandes exposições itinerantes em Fortaleza, ganhando reconhecimento social e se inserindo na rota nacional dos museus que acolhem em suas instalações essa modalidade de exposição.

Fortaleza na rota das exposições itinerantes

Fortaleza integra recentemente o rol das grandes metrópoles brasileiras. Consolidando seu papel de polo multifuncional a cidade se expande em várias direções e rapidamente vários setores transformam-se em bairros equipados, atravessados por vias largas com grande capacidade de fluxo onde se instalam comércio e serviços especializados, praças, áreas de lazer e de entretenimento, centros comerciais, empresariais e de serviços conforme o processo de reestruturação do capital. A expansão da porção leste de Fortaleza foi parcelada em lotes maiores permitindo a instalação de grandes equipamentos e aumento do adensamento ao longo das vias onde foram instaladas lojas construídas em escala até então desconhecida na capital cearense, além de vários edifícios residenciais e equipamentos voltados ao ensino. Na fase inicial dessa expansão territorial para o setor leste da cidade no início da década de 1970, foi instalada a Universidade de Fortaleza – UNIFOR, em 1973. A nova instituição investiu em atividades artísticas com a criação da UNIFOR Plástica, exposição artística onde artistas cearenses exibiam suas criações. Em pouco tempo os lotes no entorno da UNIFOR

[9] "A Universidade Federal do Ceará criou o Museu de Arte inaugurado em 25 de junho de 1961. O Museu de Arte da UFC (MAUC) preserva e difunde a cultura artística, atuando como uma ponte entre a obra de arte e o público. O MAUC se mantém dentro da filosofia de seu fundador, Antônio Martins Filho, primeiro Reitor da UFC, que criou o museu com a ideia de relacionar universalidade e regionalidade. Esse espírito é mantido ainda hoje, através do eclético acervo do MAUC, formado por obras populares e eruditas. Dentre as principais desse acervo, encontram-se obras de Raimundo Cela, Chico da Silva, Aldemir Martins, Jean Pierre Chabloz e a maior coleção de referência de matrizes de xilogravuras de cordel; além de obras do artista plástico e carnavalesco Descartes Gadelha e as coleções estrangeiras da escola de Paris. O Museu conta com cinco salas permanentes Aldemir Martins, Antônio Bandeira, Chico da Silva, Descartes Gadelha e Raymundo Cela".
In: HTTP://www.ufc./cultura-e-arte/equipamentos-cuulturais/2043-museu-de-arte-da-ufc. Acesso em 09.07.2017.

rapidamente se valorizaram, enquanto a instituição se consolidava e ultrapassava seus limites, ampliando suas atividades para outras áreas do entorno. De sua fundação aos dias atuais a UNIFOR se expandiu implantando inúmeros cursos de graduação e pós-graduação e realizou um empreendimento que inseriu fortemente a cidade de Fortaleza no roteiro dos museus e de exposições temporárias no Brasil. Os investimentos foram sucessivos, culminando com o Espaço Cultural UNIFOR que data de 1988 e abriga, desde então, a Unifor Plástica, evento que congrega talentos da terra, tendo revelado importantes artistas cearenses. Anos depois, o local passou por uma grande reforma e foi reaberto em 22 de setembro de 2004, recebendo nomes de importância da arte internacional, como Rembrandt, Rubens e Miró, artistas brasileiros consagrados, como Iberê Camargo, Antônio Bandeira e Candido Portinari, além de novos talentos da arte cearense e nordestina...

Ao atrair a atenção de milhares de visitantes através de suas exposições, o Espaço Cultural Unifor dissemina a arte, antes acessível somente a parcelas eruditas da população. O local acolhe a essência da cultura cearense e brasileira, valorizando sua riqueza e diversidade, refletindo a figura do chanceler Airton Queiroz, presidente da Fundação Edson Queiroz, que compreende a arte como ampliadora de conhecimentos e transformadora da realidade.[10]

A qualidade do equipamento cultural, o cuidado e zelo nas montagens das exposições foram rapidamente reconhecidos, o que justifica o crescente número de visitantes tornando-o um dos mais importantes da cidade.

Só uma lembrança: a trágica situação dos museus brasileiros

O museu como importante equipamento e instituição cultural ocupou a cena política brasileira após o incêndio que destruiu o Museu Nacional[11],

[10] http://unifornoticias.unifor.br/index.php?option=com_content&view=article&id=903Visita em 17.06.2016.

[11] IGPA/UCG - HISTÓRICO DOS MUSEUS NO BRASIL. "1922_Criação do Museu Histórico Nacional: Rompe com a tradição enciclopédica e inaugura um modelo de museu no Brasil, consagrado à pátria, destinado a legitimar e veicular a noção de história oficial Apoiado pelo Estado, foi criado com o objetivo de ensinar a população a conhecer fatos e histórias do passado, incentivando a formação cívica e o progresso da nação; Foi modelo para outras instituições, criou o curso de museologia, sendo responsável pela formação dos primeiros profissionais em museus no país"In:http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17542/material/aula%205%20_historia%20dos%20museus%20brasileiros.pdf Visita em 12.12.2018.

reconhecido internacionalmente, como de grande significado para a pesquisa científica e preservação da memória do país pela variedade e importância de seu rico acervo. O incêndio de grandes proporções que atingiu a sede do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, na noite de 2 de setembro de 2018 gerou comoção nacional acerca dos cuidados com a conservação desses equipamentos culturais, considerando a inserção deles na formação e explicação da sociedade brasileira. A tragédia se repete, pois em São Paulo, no mês de dezembro de 2015, um incêndio de grandes proporções atingiu o Museu da Língua Portuguesa, na região central da cidade. As chamas se propagaram de forma muito rápida destruindo a estrutura de madeira do edifício e o material plástico e de borracha que compõem o museu. Foi o triste fim de um museu interativo concebido com avançada tecnologia digital que realizava excelentes exposições temporárias, palestras, projeções de filmes entre outras atividades.

O descaso das políticas culturais no Brasil voltadas aos museus data de longo tempo se considerarmos que também em São Paulo permanece fechado desde 2013 o reconhecido Museu do Ipiranga devido a problemas estruturais. Mesmo fechado seu rico acervo tem tido melhor sorte que o do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Enquanto as obras não começam todo o acervo está sendo transferido para locais tidos como seguros.

> *O edifício histórico localizado no Parque da Independência, conhecido pelo nome de Museu do Ipiranga, tem como nome oficial Museu Paulista da Universidade de São Paulo. É uma instituição científica, cultural e educacional com atuação no campo da História e cujas atividades têm, como referência permanente, um acervo. O conjunto articulado dessas atividades é a curadoria. Envolve a formação e ampliação de coleções (por intermédio de doações, aquisições ou coleta de campo), sua conservação física, seu estudo e documentação bem como a comunicação, seja do acervo, seja do conhecimento que ele permite gerar, através de exposições, cursos, programas educativos e publicações. No período do Centenário da Independência, em 1922, foi reforçado o caráter histórico da instituição. Formaram-se novos acervos, com destaque para a História de São Paulo. Realizou-se a decoração interna do edifício, com pinturas e esculturas apresentando a História do Brasil no Saguão, Escadaria e Salão Nobre. Foi instalado o Museu Republicano "Convenção de Itu", extensão do Museu Paulista no interior do Estado.*[12]

[12] Museu do Ipiranga In: http://www.mp.usp.br/museu-do-ipiranga

Contraditoriamente, enquanto os museus públicos brasileiros vivem situação de penúria, o conceito de museu foi ressignificado e novas linguagens e formatos inseriram outras modalidades de estabelecimentos voltados à preservação da memória e do conhecimento estão sendo acompanhados de excelentes campanhas midiáticas e de forte apelo junto ao público. O Museu Nacional era o mais importante do país pelo tamanho e qualidade de seu acervo. No entanto, apresentava, constantes problemas de funcionamento e seus gestores andavam, frequentemente, às voltas com verbas de manutenção e conservação. São muitos os museus, teatros e outros equipamentos culturais públicos com sérios problemas de manutenção e muitos com seus funcionamentos já comprometidos.

Algo novo acontecia à medida que novos equipamentos eram inaugurados. Os que gozam de patrocínio de empresas privadas fazem sucesso imediato. Suas exposições itinerantes são assuntos da mídia especializada que não poupa elogios à sua qualidade, o que é realmente verdade considerando seus museus de origem e o volume de matérias especializadas já inscritos sobre elas. Outros museus não menos importantes, guardiões de artefatos e obras de artistas nacionais não costumam merecer matérias especializadas com a mesma frequência e com o mesmo entusiasmo. É indiscutível a qualidade das exposições itinerantes. Entretanto, esse estatuto de qualidade não invalida todo o esforço para se adquirir, recolher, catalogar e organizar a exposição dos museus voltados às especificidades da formação socio espacial brasileira. Por essa razão, os mantidos por verbas oficiais apresentam sérios problemas de manutenção gerando dificuldades para seu pleno funcionamento. A precariedade de instalações elétricas e hidráulicas compromete esses equipamentos em contraste com os mantidos por empresas do setor financeiro ou da mídia. No tocante às políticas culturais, notadamente às voltadas aos museus, as palavras de Castilho (2014,p.10) soam como verdadeiras quando diz que *"Basta pensarmos que, enquanto a massa do público nacional enfileira-se nas portas dos museus que apresentam exposições... até hoje o Brasil não possui um museu que se encarregue de narrar a trajetória de sua própria modernidade"*.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural**. Tradução de Amélia Cohn. In COHN, G. Theodor W. Adorno. Sociologia. São Paulo: Ática, 1986, p. 93.

CASTILHO,S.S.D. O museu como cultura de massa: anestesia ou escape coletivo? http://www.arquimuseus.arq.br/seminario2014/transferencias/eixo02_cultura_e_exposicoes/e02-sonia_salcedo_del_castillo.pdf - - Visita em 10.09.2016.

HARVEY, D.**Condição Pós-Moderna**. São Paulo. Edições, Loyola, 1992, p. 313

IBGE, Diretoria de Pesquisas - DPE, Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de--imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017 Visita em 15.12.2018 **IPEA,** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Comunicado do Ipea nº 94 *A mobilidade urbana no Brasil*. IN: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8588 Visita em 15.12.2-18.

MAIA, D. S.A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB, Brasil. In: ***Scripta Nova*. Revista electrónica de geografía y cienciassociales** Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98, Vol. XIV, núm. 331 (80), 1 de agosto de 2010.(1-15, p.4)

MOURA, R. **Arranjos urbano-regionais no Brasil:** uma análise com foco em Curitiba.Curitiba,2009. 242 p. Tese (Doutorado em Ciências da Terra) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2009.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social. Tradução [da 2ª ed. Inglesa], Vera Ribeiro; revisão técnica, Bertha Becker, Lia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.